

SITUAÇÃO INDÍGENA Principal posto de atendimento médico na região amazônica tem problemas de superlotação

Casa do Índio é foco de doença contagiosa

Editoria de Arte/Folha Imagem

Padre culpa devastação

da Agência Folha, em São Luís

O estudo sobre a queda da expectativa de vida dos índios surpreendeu o secretário-executivo do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) do Maranhão, padre Cláudio Bombieri, 40.

O Cimi é subordinado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

“Até então, os dados mostravam aumento demográfico significativo da população indígena”, disse.

Para ele, a queda da longevidade está ligada à devastação e às invasões por madeireiros e fazendeiros em reservas indígenas, que limitariam as opções de alimentação das tribos.

“O índio vive basicamente de caça e pesca. Com as invasões e a devastação, diminui a qualidade e a quantidade de alimentos. Temos informações de um processo de deterioração na alimentação indígena nos últimos anos”, afirmou.

No Maranhão, segundo o Cimi, 13% das reservas (250 mil hectares) estão “completamente devastadas”.

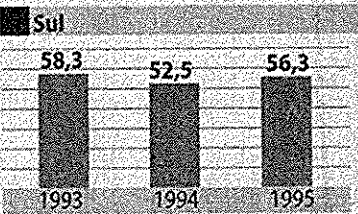
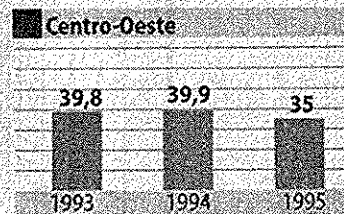
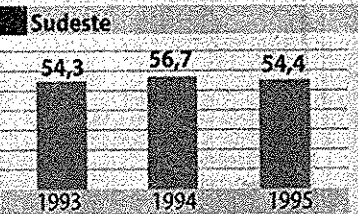
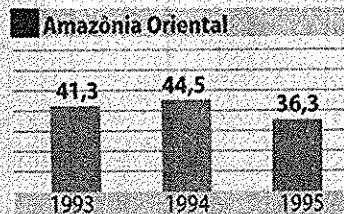
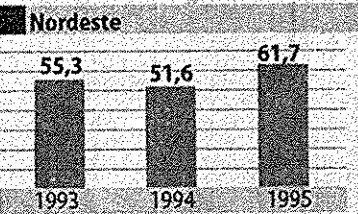
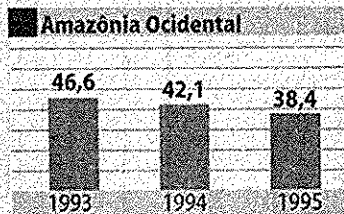
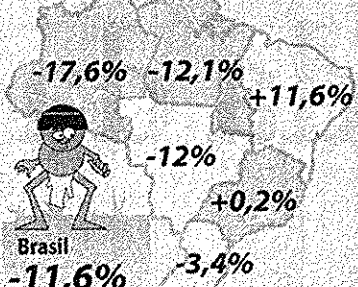
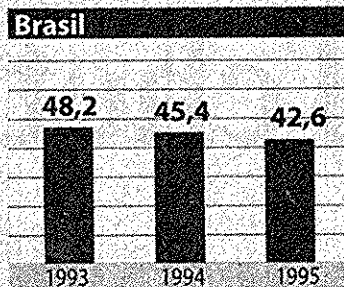
Ameaçados de extinção, os índios guajás, os únicos nômades do Estado, estão substituindo a carne e pesca por farinha de mandioca.

No Pará, madeireiros admitem explorar as reservas. “Não há mais madeira na região fora delas”, diz Elço Lourenço, dono de serraria em Nova Esperança do Piçarra. (IRINEU MACHADO)

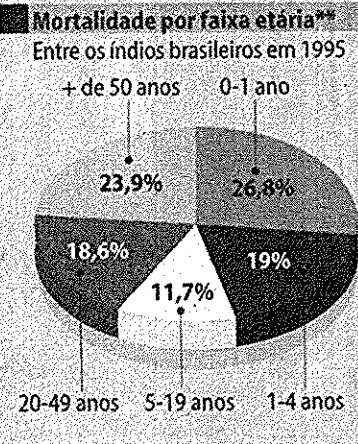
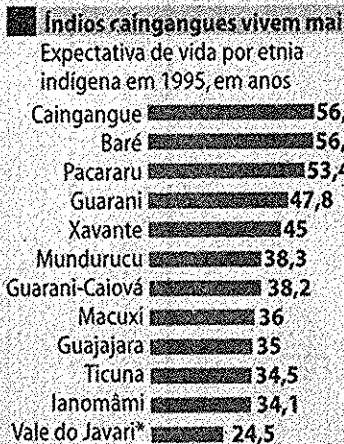
Índios vivem menos

Expectativa de vida, em anos

Variação na expectativa de 93 para 95



Fonte: Estudo "Expectativa de Vida dos Povos Indígenas Brasileiros", de Rômulo Moura



* Inclui os índios matís, matões, maribos e canamais

Fonte: Estudo "Expectativa de Vida dos Povos Indígenas Brasileiros", de Rômulo Moura

** porcentagem de mortes no total dos índios

ARI CIPOLA
da Agência Folha, em Manaus

A Casa do Índio de Manaus (AM) é um exemplo da ineficácia do atendimento médico dispensado ao índio brasileiro, apontado no relatório de Rômulo César Sabóia Moura, do Instituto de Medicina Tropical de Manaus.

O relatório, cujos principais pontos foram publicados pela Folha na sexta-feira, mostra que a expectativa de vida do índio brasileiro caiu 5,6 anos entre 93 e 95.

Apesar de ser considerada o principal posto médico de atendimento e triagem de índios de toda a Amazônia, a Casa do Índio convive com superlotação e com o não-isolamento de índios que têm doenças contagiosas.

120 índios

Na sexta-feira, 120 índios —doentes e seus parentes— estavam na Casa do Índio, cujo ambu-

latório tem apenas 14 camas.

A maioria dos índios aglomera-se em alojamentos adaptados como local de internação de pacientes com tuberculose, fogo-selvagem (doença de pele), malária, catapora e outras doenças.

Há alojamentos de 40 m² com até 13 índios dormindo em redes. Doze índios da etnia deni com tuberculose estavam misturados a seus parentes e outros índios.

Em abril passado, uma índia chegou de São Paulo com catapora e, devido ao não-isolamento, transmitiu a doença para outros 15 índios, segundo José Ribamar Caldas Lima Filho, 42, administrador da Casa do Índio.

“Nós temos esse tipo de problema de não-isolamento, mas ele é provocado pela falta de vagas na rede pública de saúde”, disse ele.

O índio Vabeci Deni, 20, com suspeita de tuberculose, estava na sexta-feira deitado ao lado da mulher, que amamentava seu filho. A

criança estava com catapora.

“Nós ainda somos o posto de saúde de referência do índio de toda a Amazônia, apesar dos problemas de saúde pública no Brasil”, afirmou administrador regional da Funai de Manaus, Benedito Rangel de Moraes, 41.

Referência

“Nós pagamos passagens para os índios chegarem aqui. Quando não conseguimos tratar o índio aqui, enviamos para São Paulo.”

O número de índios na Casa do Índio é ainda maior devido à distância das aldeias. Muitos que poderiam ser tratados em casa esperam no local o retorno e os resultados de exames por até três meses.

Atendimento é precário em MG

da Agência Folha, em Belo Horizonte

O coordenador do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) em Minas Gerais, Luciano Marcós Pereira da Silva, afirmou, em Belo Horizonte, que os povos indígenas de Minas têm atendimento “precário” na área de saúde.

Ele contou que, há duas semanas, um índio de quatro anos morreu depois de ser picado por uma cobra na aldeia da tribo dos maxacalis, no nordeste de Minas, porque não havia um carro para levá-lo ao hospital mais próximo.

“Não há enfermeiro nas aldeias dos maxacalis e o único veículo da Funai está quebrado. Os índios têm de caminhar 50 km a pé.”

(CARLOS HENRIQUE SANTIAGO)